

REORIENTAÇÃO CURRICULAR, PODER, TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS: UM DIÁLOGO COM MICHEL FOUCAULT

Graciete Pantoja Antunes¹
Gracilene Ferreira Pantoja²
Wladirson Ronny da Silva Cardoso³

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Graciete Pantoja Antunes, Gracilene Ferreira Pantoja y Wladirson Ronny da Silva Cardoso (2020): "Reorientação curricular, poder, transformações sociais e pandemia do novo coronavírus: um diálogo com Michel Foucault", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, ISSN: 1988-7833, (noviembre 2020). En línea: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/11/michel-foucault.html>

Resumo: este artigo tem como objetivo principal discutir a reorientação curricular como um instrumento de poder em Michel Foucault. Os apontamentos envolvem também as mudanças que vem acontecendo no que se refere à pandemia do novo coronavírus, a qual foi responsável por uma série de mudanças e transformações sociais em diversos âmbitos e setores da sociedade, envolvendo também o âmbito educacional, o qual enfrenta uma série de entraves para dar continuidade. Para o desenvolvimento das discussões, utilizou-se como técnica metodológica a pesquisa bibliográfica a partir de dicionários, livros e artigos obtidos e selecionados em periódicos científicos que tratassem da temática em questão. O método de análise utilizado foi a análise de conteúdo a partir da técnica de análise categorial. Durante as discussões, ficou evidente que ao pensarmos a reorientação curricular como um instrumento de poder precisamos considerar a interdisciplinaridade como um dos elementos imprescindíveis, pois ela funciona como uma espécie de "micropoder". Para isso, consideramos ser necessário, a escola trabalhar os conteúdos de forma contextualizada e integrada entre as disciplinas, a fim de elevar o poder emancipatório dos alunos para que os mesmos alcancem a "ascensão epistêmica" e uma visão crítica da realidade. Precisamos ter em mente também que a seleção de conhecimentos e organização de ensino, perpassa por uma série de aspectos, envolvendo diversos atores e o próprio contexto sobre o qual o aluno está inserido, sendo permeados de interesses, conflitos, ideologias que influenciarão diretamente na formação educacional e humana de cada aluno, sujeito principal desse processo.

Palavras Chave: Currículo; Micropoder, Interdisciplinaridade, contexto pandêmico.

REORIENTACIÓN CURRICULAR, PODER, TRANSFORMACIÓN SOCIAL Y LA NUEVA PANDEMIA DEL CORONAVIRUS: UN DIÁLOGO CON MICHEL FOUCAULT

¹ Mestranda do Programa de pós Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica Universidade Federal do Pará - UFPA, pós-graduada em: Gestão e Orientação Educacional; Educação Especial; Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância; Educação ambiental com ênfase em espaços Educadores Sustentáveis; Graduada em Pedagogia pela UFF; Professora Concursada na rede municipal de Ensino em Igarapé-Miri, Pará. gracietepantoja@hotmail.com

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI/UFPA) com vínculo à linha de pesquisa: Políticas Públicas, Movimentos Sociais e Territórios. Graduada em Licenciatura em Educação do campo – Hab. em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Pará (2018). gracilenepantoja.gp@gmail.com

³ Pós Dr. Em Educação; Doutor em Antropologia Social; Mestre em direitos Humanos e Inclusão Social; Bacharel licenciado em Filosofia; Professor permanente do Programa de Pós Graduação em Educação Básica- PPEB do Núcleo de estudos transdisciplinares em Educação Básica - NEB da universidade Federal do Pará- UFPA; Coordenador Pedagógico e Administrativo do curso de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade do Estado do Pará- UEPA/CCSE/DFCS. Campus Belém. wladirson.cardoso@gmail.com

Resumen: este artículo tiene como principal objetivo discutir la reorientación curricular como instrumento de poder en Michel Foucault. Las notas también involucran los cambios que se han venido produciendo respecto a la pandemia del nuevo coronavirus, que fue responsable de una serie de cambios y transformaciones sociales en diferentes ámbitos y sectores de la sociedad, involucrando también al ámbito educativo, que afronta una serie de obstáculos para continuar. Para el desarrollo de las discusiones se utilizó como técnica metodológica la investigación bibliográfica a partir de diccionarios, libros y artículos obtenidos y seleccionados en revistas científicas que trataron el tema en cuestión. El método de análisis utilizado fue el análisis de contenido mediante la técnica del análisis categórico. Durante las discusiones se hizo evidente que cuando pensamos en la reorientación curricular como un instrumento de poder, debemos considerar la interdisciplinariedad como uno de los elementos esenciales, ya que funciona como una especie de “micropoder”. Para eso, consideramos necesario que la escuela trabaje los contenidos de manera contextualizada e integrada entre las disciplinas, con el fin de elevar el poder emancipatorio de los estudiantes para que alcancen el “ascenso epistémico” y una visión crítica de la realidad. También hay que tener en cuenta que la selección del conocimiento y la organización docente pasa por una serie de aspectos, involucrando a diferentes actores y al propio contexto en el que se inserta el alumno, estando permeado por intereses, conflictos, ideologías que incidirán directamente en la formación. Aspecto educativo y humano de cada alumno, tema principal de este proceso.

Palabras llave: Currículum; Micropoder, interdisciplinariedad, contexto pandémico.

CURRICULAR REORIENTATION, POWER, SOCIAL TRANSFORMATION AND THE NEW CORONAVIRUS PANDEMIC: A DIALOGUE WITH MICHEL FOUCAULT.

Abstract: this article has as main objective to discuss the curricular reorientation as an instrument of power in Michel Foucault. The notes also involve the changes that have been taking place with regard to the pandemic of the new coronavirus, which was responsible for a series of social changes and transformations in different areas and sectors of society, also involving the educational sphere, which faces a series of obstacles to continue. For the development of the discussions, bibliographic research was used as methodological technique from dictionaries, books and articles obtained and selected in scientific journals that dealt with the subject in question. The method of analysis used was content analysis using the technique of categorical analysis. During the discussions, it became evident that when we think of curricular reorientation as an instrument of power, we need to consider interdisciplinarity as one of the essential elements, as it functions as a kind of “micropower”. For that, we consider it necessary, the school to work the contents in a contextualized and integrated way between the disciplines, in order to raise the emancipatory power of the students so that they reach the “epistemic rise” and a critical view of reality. We also need to keep in mind that the selection of knowledge and teaching organization goes through a series of aspects, involving different actors and the very context in which the student is inserted, being permeated by interests, conflicts, ideologies that will directly influence the training educational and human aspect of each student, the main subject of this process.

Keywords: Curriculum; Micropower, Interdisciplinarity, pandemic context.

1. INTRODUÇÃO

O contexto da pandemia do novo coronavírus tem deixado inúmeras marcas em diversos âmbitos e setores da sociedade, envolvendo também o âmbito educacional, o qual enfrenta uma série de entraves para dar continuidade, surgindo assim questionamentos, proposições e sugestões para enfrentarmos os desafios que se apresentam, pois entende-se que a Educação é um dos pilares centrais na formação e constituição da sociedade. É por meio dela que incorporamos princípios,

valores e condutas humanas que nos levam a refletir, a questionar e a alcançar uma visão mais crítica da realidade.

Neste artigo, destacamos um elemento central que influencia diretamente em nossa formação educacional e humana que é o currículo escolar, levando em consideração todas as nuances que os envolvem, como a multiplicidade de relações que o permeiam, estando nelas incluídas, as relações de poder como aborda Foucault (2019), o qual interfere no processo de organização do ensino e na aquisição de conhecimentos.

O enfoque desenvolvido se estabeleceu a partir da seguinte questão: como pensar a reorientação curricular como instrumento de poder segundo Foucault? Os apontamentos envolvem também as mudanças que vem acontecendo no que se refere à pandemia do novo coronavírus, pois entende-se que as transformações ocorridas, exigirão novas estratégias do sistema educacional para se adequar a lógica do tempo em que vivemos.

É fato que a sociedade passa por constantes mudanças e são nestas que precisamos estar atentos para sermos cada vez mais ativos e propositivos frente aos problemas que se instauram, e para âmbito educacional, se faz necessário pensarmos e (re) pensarmos constantemente o Currículo. O objetivo deste artigo, é justamente trazer reflexões, questionamentos que envolvem a reorientação curricular e ao mesmo tempo a compreensão de Michel Foucault para esse tema tão relevante para o cenário atual, pois são aspectos que influenciam diretamente no funcionamento das instituições e da própria organização do ensino, visto que o currículo não é um elemento neutro de transmissão do conhecimento, mas um instrumento de poder que rege e determina as ações da escola.

A seguir apresentamos a metodologia utilizada e nas seções posteriores, traçamos uma discussão inicial a respeito do que consiste o currículo, o histórico de sua constituição, os diferentes níveis de currículo, com ênfase nos aspectos abordados por Foucault que se relacionam com as questões do poder, aprofundando com o tema da interdisciplinaridade como elemento imprescindível na educação, na qual fazemos a relação com o contexto pandêmico vivenciado no ano de 2020 que ocasionou uma série de mudanças em diversas esferas da sociedade, incluindo o sistema educacional, o qual precisa urgentemente de medidas que auxiliem na superação dos desafios que se apresentam.

2 . METODOLOGIA

Para o desenvolvimento das discussões produzidas, utilizou-se como técnica metodológica a pesquisa bibliográfica, a qual é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. De acordo com Gil (2008, p. 50) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Os critérios utilizados para a seleção dos materiais se deu com base nas produções teóricas do autor Michel Foucault que abordassem sobre as categorias de “currículo” e “poder”, além de dicionários, livros e artigos obtidos em periódicos científicos que tratassem das discussões inerentes a temática em questão, sendo selecionados com base na relevância do conteúdo, dentre outros aspectos que envolvessem a conceituação, histórico e níveis de currículo que auxiliassem no

entendimento do assunto e na ampliação do conhecimento para uma interpretação mais subjetiva e fidedigna, envolvendo o contexto atual e os desafios enfrentados no âmbito educacional que perpassam pela questão o currículo.

Após a organização e leitura de todas as produções selecionadas, iniciamos a etapa da análise e interpretação dos dados. O método utilizado foi a “análise de conteúdo”, a qual trabalha a palavra e as significações, ou seja, procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, visando a busca de outras realidades através das mensagens. A análise de conteúdo descreve e interpreta o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise reinterpreta as mensagens para atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. (Bardin, 1977); (Moraes, 1999)

Como técnica de análise, utilizamos a análise categorial, esta por sua vez, segue critérios pré-estabelecidos ou definidos no processo de análise. Estes critérios podem ser semânticos, originando categorias temáticas ou podem ser sintáticos, definindo-se categorias a partir de verbos, adjetivos ou substantivos, etc. Neste caso, a definição inicial se deu com as palavras “currículo” e “poder”, as quais originaram categorias secundárias como a “interdisciplinaridade”, o que possibilitou uma melhor análise e interpretação, pois compreendemos que ela se constitui como um elemento imprescindível ao pensarmos a reorientação curricular como instrumento de poder, possibilitando novas formas de interpretar a realidade e de solucionar problemas que ultrapassam o âmbito estritamente disciplinar.

3. CURRÍCULO E PODER

De acordo com o dicionário Houaiss da língua portuguesa (Houaiss; Villar, 1999) a palavra currículo vem do latim *Curriculum* que quer dizer “ato de correr”, “pista de corrida”, “curso”, “percurso”. Isso nos leva a entender que o currículo em si envolve toda uma trajetória, com longos caminhos a serem percorridos até chegar a um objetivo final que é o de compreender o mundo e a sociedade como afirmam Chaves e Alencar (2015).

Jesus (2008) afirma que o termo currículo é polissêmico, ou seja, apresenta uma ambiguidade e diversidade de sentidos. Embora a palavra currículo engane-nos porque nos faz pensar numa só coisa. Llavador (1994, p.70) afirma que este “trata de muitas coisas simultaneamente e todas elas inter-relacionadas.” Daí a importância de considerar os diversos aspectos que os envolvem a partir de uma perspectiva sistêmica e integradora que permitem entender as dinâmicas e transformações da sociedade a partir de diferentes épocas, culturas, ideologias e relações de poder que influenciam no currículo, pois o mesmo carrega marcas históricas.

Chaves e Alencar (2015) afirmam que o surgimento do currículo se deu pela primeira vez nos Estados Unidos, anos vinte, sendo a *priori* objeto de estudo e pesquisa. Silva (2010) afirma que seu surgimento ocorreu em conexão com o processo de industrialização e os movimentos migratórios, com a intensa massificação da escolarização objetivando construir, desenvolver e testar o currículo. Assim ele se mostra ligado também a processos históricos, os quais impulsionaram para a sua construção e desenvolvimento.

Jesus (2008) corrobora ao afirmar que o currículo está ligado a processos históricos, pois carrega ideologias, tendências, interesses, sofrendo transformações de acordo com a época, o local e cultura que influenciam de alguma forma em seu processo de construção. Por isso, não se deve desvincular o currículo da constituição histórica e social. Para ele, o currículo não surge do nada, mas de uma necessidade social e principalmente econômica e cultural.

A partir da década de 1960 a 1970 destacam-se a existência de diversos níveis de currículo: formal, real e oculto que servem para distinguirmos sobre o aprendizado dos alunos. De acordo com Jesus (2008,p. 2640):

O currículo formal refere-se ao currículo estabelecido pelos sistemas de ensino, pautados em diretrizes curriculares, ligados as áreas e disciplinas de estudo. (...) O currículo real é o que acontece dentro da sala de aula com professores e alunos ligados aos projetos pedagógicos e os planos de ensino. (...) O currículo oculto representa tudo o que os alunos aprendem diariamente em meio às várias práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no meio social e escolar, não aparecendo no planejamento do professor.

Assim, considera-se que todos influenciam de alguma forma no processo de aprendizagem do aluno e sua forma de ver o mundo, por isso não dá para falar de currículo sem considerar as relações de poder que estão imbuídas nele, bem como as influências e ideologias que o permeiam, pois ele não é um elemento neutro de transmissão do conhecimento social, visto que envolve uma multiplicidade de relações, ou seja, envolve o corpo docente, alunos, conselhos, gestores e comunidades, entre outros, onde cada um exerce alguma forma de poder.

Nesse sentido, concordamos com Chaves e Alencar (2015, p. 6) quando afirmam que “o poder não tem mais um único centro, como o Estado, por exemplo. Nas teorias pós-críticas, entretanto, o poder torna-se descentralizado.” Para Silva (2010, p.148). “O poder está espalhado por toda a rede social”. Sobre isso, Foucault (2019), assinala que o poder é visto como exercício que não está centralizado apenas nas grandes instituições como a economia, a política e o estado. O poder é um feixe de relações que se exerce de maneira assimétrica, ou seja, ele funciona como se fosse uma rede que conecta os inúmeros laços e nesses laços ninguém estaria de fora, nesse sentido, ele está em todos os espaços.

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ele ‘reprime’, ele ‘recalca’, ele ‘censura’, ele ‘abstrai’, ele ‘mascara’, ele ‘esconde’”. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é nesse alvo aspecto que explica o fato de que ele tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo.(Foucault, 2019.p.19)

O referido autor enfatiza que é preciso refletir sobre o lado positivo do poder, isto é produtivo e transformador, e o currículo, em si mesmo, carrega em seu discurso mecanismos de poder e controle, incluindo e excluindo diversos conhecimentos científicos. Os próprios mecanismos de inclusão e exclusão são ferramentas inerentes ao discurso curricular predominantes nas instituições escolares.

Sobre isso, Sacristán (2000), define que é possível reconhecer currículo e conhecimento como instrumentos de poder presentes em instituições educativas, o currículo como um conjunto de atividades importantes visa transformar o mundo, isso significa pensar em um currículo articulado a uma prática reflexiva e considerar ainda que nele interagem relações culturais e sociais. Destaca-se, então, que essa práxis não se refere tão somente a comportamentos didáticos da sala de aula como afirmam Barroso e Cardoso (2018):

A educação, assim como serve para a modificação de comportamentos alheios, serve também para o reforço e criação de novos comportamentos, pautados nos valores dominantes da sociedade a qual essa educação está sendo proferida. Valores estes que variam de acordo com cada sociedade, seja a periferia ou o centro, a instituição pública ou privada, o proletariado ou a burguesia, todos esses valores dominantes se dão por meio do todo que cerca a escola. (Barroso & Cardoso, 2018, p.23).

Dessa forma, o professor assume a missão de ser um agente modificador de realidades. Além disso, a escola passa a ser espaço de construção, transformação e formação de indivíduos e realidades, e o professor, passa a ser agente destas mudanças, como afirma Piccolo (1993, p. 13) “o principal papel do professor, através de suas propostas, é o de criar condições aos seus alunos para tornarem-se mais críticas e menos alienadora, passando a serem sujeitos conscientes de suas ações”. Para Foucault (2008) os conhecimentos e saberes presentes nos currículos escolares são produtos de discursos existentes e permitidos pelos segmentos sociais que os autorizam.

Nesse sentido, entendemos que é de suma importância a escola ter um currículo amplo voltado para várias dimensões sociais em que a mesma está inserida, possibilitando assim a formação de cidadãos críticos e reflexivos, pois a escola é, muitas vezes, a única esperança de reversão das expectativas de cada estudante, ou seja, dentro da instituição com seus muros escolares acreditam que estão protegidos e tem o direito de ser tratado com justiça e equidade, independente da sua capacidade de concentração, da raça e condição econômica.

Para Foucault (1999), a escola, com seus instrumentos, é o lugar de correção, espaço por excelência das pedagogias preventivas e coercitivas, laboratório de construção no corpo dos currículos prescritos e praticados. “De qualquer forma, viver em sociedade é viver de modo tal que seja possível que uns atuem sobre as ações do outro. Uma sociedade sem relação de poder é uma abstração”. (Veiga-Neto, 2017.p.120). Sobre isso, Foucault (2019, p. 28) defende que “todo conhecimento, seja ele científico ou ideológico, só pode existir a partir de condições políticas que são as condições para que se formem tanto o sujeito quanto os domínios de saber [...] não há saber neutro, todo saber é político”. Portanto, podemos considerar como os saberes são arbitrários e submetidos a transformações no decorrer do tempo histórico, sofrendo influência dos diversos segmentos da sociedade.

Dessa forma, a elaboração do currículo é entendido na perspectiva de Jesus (2008,p.2640) como: “um processo social, no qual convivem lado a lado os fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais e determinantes sociais como: poder, interesses, conflitos simbólicos e culturais, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, raça, etnia e gênero.” Por isso alguns autores como Gadotti (2008); Nascimento, Oliveira e Di Bernardo (2012) defendem que o ideal é construir um currículo na visão crítica, pois na teoria do pensamento crítico não há dúvida e

contradições. A escola não irá moldar os alunos e sim dar condições para que ele desenvolva competências que irão lhe auxiliar na compreensão do mundo e das diversas formas de conhecimento e práticas, respeitando as referências sociais, culturais e expressando suas ideias de forma crítica e reflexiva.

Nesse sentido, Foucault (1986), enfatiza que o currículo torna-se não só um conjunto de conhecimentos, mas de comportamentos posturais, quando alunos, professores e gestores os assumem como permitidos ou não permitidos no interior dos espaços das instituições educativas. Em sua concepção, o currículo passa a ser a representação do poder institucional que influenciam os comportamentos sociais individuais e coletivos de acordo com o que seja considerado adequado ou não.

De acordo com Gama e Duarte (2017) o sujeito que é formado na perspectiva crítica alcança a liberdade, ou seja, ele adquire a capacidade de compreender fenômenos complexos a partir de um elevado grau de aprendizado que lhe darão autonomia necessária para o seu desenvolvimento e condições para transformar o mundo que o cerca. Essa liberdade é comparada pelo autor como a habilidade de dirigir um automóvel, após constantes esforços e repetições para aprender, é possível conduzi-lo de forma mais automática no decorrer da prática.

Para que o aluno (sujeito principal) alcance essa liberdade, precisará obter os instrumentos necessários que lhe proporcione condições para uma educação plena e efetiva. Sendo assim, é importante pensar constantemente na reorientação curricular que levem em conta os diferentes aspectos que permeiam a vida do aluno abrangendo-o de forma integral.

Isso envolve incluir nos planejamentos de aula a dimensão temporal como afirma Lima (2007), abordando também os aspectos econômicos, sociais, culturais, tecnológicos, ambientais, científicos que possibilitem o aluno alcançar uma visão crítico-reflexiva do mundo em que vive.

Sendo assim, é importante inventar novas práticas pedagógicas que contemplem de fato o aluno e proporcione uma formação mais humana pautada não somente em valores do mercado, mas que estejam voltadas para o bem estar da sociedade, do meio ambiente, da preservação da saúde, etc. e não somente voltada aos parâmetros de avaliação, mas que tenha eficácia social. Sobre tudo nesse momento de profundas transformações que a sociedade vem enfrentando, necessitando de condições estratégicas e resiliência para prosseguir a diante. Silva (2006, p. 4821) afirma que:

A inovação pedagógica do currículo é um fato histórico e de extrema relevância. Coloca em pauta a ideia de que os diversos elementos de um curso educacional devem ser, tratados como uma peça única expressa na globalidade estrutural e na completude sequencial, conforme os parâmetros de cada época histórica.

Lima (2007) corrobora ao afirmar que precisamos estabelecer planejamentos didáticos eficientes para fazer frente ao desafio atual de que todas as crianças aprendem. Nesse aspecto, é importante que pensemos um currículo a partir da lógica do tempo em que este se insere. Para tanto, é preciso que ele seja constantemente reorientado, a final, “os currículos não são conteúdos prontos a serem repassados aos alunos. São uma construção, e uma seleção de conhecimentos, valores, instrumentos da cultura produzidos em contextos e práticas sociais e culturais.” (Moreira & Candau, 2007, p.4)

Entende-se que o currículo deve refletir a realidade que os alunos estão inseridos, sendo assim ele precisa trabalhar os conteúdos no processo de aprendizagem de forma contextualizada, envolvendo os aspectos da vida e cotidiano do aluno, dando condições para que ele se desenvolva de forma integral e se torne um agente de transformação na sociedade. De acordo com Menezes e Araújo (2018, p.4) “o currículo e contextualização são dois elementos tão imbricadamente associados, que o entendimento de um, leva o aprofundamento de outro e vice-versa.”

Outro fator importante sobre o currículo que inclusive é destacado até mesmo por Young (2014) é a sua finalidade em promover a progressão conceitual que nas palavras do filósofo Christopher Winch chama-se “ascensão epistêmica”. Esta, por sua vez, requer disciplinas para estabelecer marcos e fronteiras conceituais, de forma que os alunos possam de fato “ascender” e fazer a integração dos conhecimentos sozinhos.

Para Foucault (2010), o espaço escolar pode ser considerado como um tipo de “micropoder” que influencia e é influenciado por instâncias mais elevadas como o poder do estado sobre a instituição escolar. O professor, na sala de aula, leciona, utilizando em seu cotidiano o currículo escolar, quando avalia os educandos, quando os organiza no espaço da sala de aula, quando organiza os horários de estudos de seus alunos, todos esses comportamentos rotineiros envolvem relações de “micropoderes” entre todos que fazem parte da comunidade escolar.

Outro aspecto relevante que podemos considerar como “micropoderes” é a interdisciplinaridade que permite a integração de saberes, rompendo com a ideia de que o tempo escolar deveria ser dividido em áreas de conhecimento, é capaz de transpor algo inovador, abre sabedorias, resgata possibilidades e ultrapassa o pensar fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber.

O trabalho interdisciplinar precisa “partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos, de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários” (Brasil, 1999, p. 88-89).

3. A CONTRIBUIÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE NO CONTEXTO PANDÊMICO.

Na perspectiva escolar, a interdisciplinaridade não tem a pretensão de criar novas disciplinas ou saberes, mas de utilizar os conhecimentos de várias disciplinas para resolver um problema ou compreender um determinado fenômeno sob diferentes pontos de vista. Inclusive, o grande tema do momento que é a pandemia, pode e deve ser abordado por disciplinas de todas as áreas do conhecimento, inclusive por meio de projetos interdisciplinares.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)- Ensino Médio, “a interdisciplinaridade tem uma função instrumental. Trata-se de recorrer a um saber diretamente útil e utilizável para resolver às questões e aos problemas sociais contemporâneos.” (Brasil, 2002, p. 34)

Neste aspecto, é necessário analisar que diante do cenário de pandemia vivido pela população mundial em 2020, muitos segmentos tiveram de se adaptar para amenizar os prejuízos causados pelo distanciamento social no campo social e econômico. Entre as áreas mais afetadas, a Educação e a Saúde se encontram em uma adaptação contínua, buscando soluções que irão impactar futuramente o cotidiano das pessoas, e a interdisciplinaridade, como fenômeno gnosiológico

e metodológico, poderá impulsionar transformações no pensar e no agir humanos em diferentes sentidos, pois a visão de contexto da realidade demonstra que vivemos numa grande rede ou teia de interações complexas e recupera a tese de que todos os conceitos e teorias estão conectados entre si e a interdisciplinaridade vai ajudar a compreender que os indivíduos não aprendem apenas usando a razão, o intelecto, mas também a intuição, as sensações, as emoções e os sentimentos.

É notório que a pandemia deixará marcas profundas em nossa sociedade, sendo a educação uma área a ser muito penalizada e a interdisciplinaridade se impõe cada vez mais como uma exigência imprescindível para se abordar as questões relativas à saúde dos indivíduos.

Para Gadotti (2004), a interdisciplinaridade visa garantir a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com as fronteiras das disciplinas. Por certo, as aprendizagens mais necessárias para estudantes e educadores, em tempos de complexidade seria a inteligência interdisciplinar, integrar o que foi dicotomizado, religar o que foi desconectado, problematizar a necessidade de rever nossos hábitos frente ao Planeta Terra. A preocupação com o Meio Ambiente e ações responsáveis também têm grande impacto na nossa saúde. Assim, para pensar em prevenção, precisamos falar de diversos aspectos da vida e da sociedade, pensando em ações coletivas e individuais. Além de questionar o que foi imposto como verdade absoluta. Essas são possivelmente as maiores tarefas da escola nesse momento e uma reorientação curricular mostra-se como um aspecto imprescindível para ajudar nessa questão.

Nesse viés, Freire (1987) complementa que a interdisciplinaridade é um processo de construção de conhecimento com base em sua relação com contexto, com a realidade e com sua cultura. De todo modo, o contexto atual exige que professor torne-se um profissional com visão integrada da realidade, mas para dar conta de todo o processo ele precisará apropriar-se das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências.

É notório que essa pandemia do novo coronavírus (SarsCov-2), veio acompanhada de desinformação que confundiu/confunde e provoca sofrimento nas pessoas, essa situação obriga todos os profissionais da educação a buscar novos conhecimentos para atuar de forma interdisciplinar na prevenção da doença e no constante embate de ideias motivado por informações controversas que afetam até mesmo a saúde emocional.

Diante desse contexto, que atitudes podem ser tomadas para melhorar a saúde psicossocial dos profissionais da educação para fortalecer no enfrentamento dessa e de outras situações que podem surgir em uma realidade de colapso socioambiental? Faz-se necessário, portanto, ressaltar a importância de uma equipe multidisciplinar formada por psicólogos e assistentes sociais ao ser inserida na escola, ela não irá substituir o professor, mas irá contribuir para identificar as necessidades ali apresentadas, mediar ações que possibilite uma adaptação entre aluno e escola. Devendo estar atento a demanda que surgir no campo escolar, dessa forma a equipe pode contribuir com os professores, visto que no dia a dia várias questões irão surgir e os professores ficarão expostos a tais situações.

Para tanto, se faz necessário a existência da gestão democrática efetiva, isto é a qual tem por objetivo a real participação de toda a comunidade escolar, considerando-se a natureza e a especificidade da educação. Como afirma Saviani (2012), a escola existe para propiciar aos

educandos a instrumentalização que permitam o acesso ao saber historicamente elaborado, onde esse fim deve ser tomado como eixo norteador para sua organização, ou seja, é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola.

Nesse propósito, Canário (2005) assinala que é preciso transformar a escola num sítio em que se ganha gosto pela política, onde se aprende a ser intolerante com as injustiças e exercer o direito a palavra usando-a para pensar o mundo e nele intervir. Mas para isso, segundo Vieira (2007), é necessário que se tenha uma excelente gestão com eficiência e eficácia, que seja conhecedora das leis que regem a nossa educação além das principais leis que regem o nosso país como a Constituição Federal, Lei de Diretrizes e Bases da Educação e o Plano Nacional de Educação PNE.

O desafio é imenso, mas é importante destacar que o mundo exige mais solidariedade e empatia, é preciso criar rede colaborativa entre as escolas, fora de política partidária, sem o viés de caridade, com compromisso cidadão que possa reduzir a desigualdade social porque a pandemia é na verdade um grande laboratório para as novas formas de trabalho. Nesse viés, Ferreira (2020) afirma que a aprendizagem por problemas constitui uma possibilidade para a formação de cidadãos com as competências exigidas pela sociedade atual, onde a flexibilidade curricular constitui uma prática de autonomia das escolas e dos professores na gestão do currículo em função das necessidades dos alunos e do património cultural que têm que adquirir.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as reflexões e discussões desenvolvidas aqui, destacamos que a reorientação curricular é um aspecto de extrema relevância para o âmbito educacional, constituindo-se como uma urgência diante do contexto atual da pandemia do novo coronavírus, a qual foi responsável por uma série de mudanças e transformações sociais, ao mesmo tempo em que possibilitou refletir sobre novos desafios a serem superados pelas instituições de ensino, necessitando assim, de constantes reinvenções.

Durante as discussões, ficou evidente que ao pensarmos a reorientação curricular como um instrumento de poder precisamos considerar a interdisciplinaridade como um dos elementos imprescindíveis, pois ela funciona como uma espécie de “micropoder”. Para isso, consideramos ser necessário, a escola trabalhar os conteúdos de forma contextualizada e integrada entre as disciplinas, a fim de elevar o poder emancipatório dos alunos para que os mesmos alcancem a “ascensão epistêmica” e uma visão crítica da realidade.

Entretanto, ao se falar em currículo como instrumento de poder precisamos ter em mente que seleção de conhecimentos e organização de ensino, perpassa por uma série de aspectos e envolvem diversos atores, bem como o próprio contexto sobre o qual o aluno está inserido, sendo permeados de interesses, conflitos, ideologias que influenciarão diretamente na formação educacional e humana de cada aluno, sujeito principal desse processo. Além disso, precisamos cada vez mais de formação qualificada, de gestão democrática e de profissionais preparados para dar conta dos inúmeros entraves que estão surgindo, sobretudo, no contexto atual, o qual exige novas formas de inovar e abordar o ensino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barroso, L. B.; Cardoso, W. R. S. (2018) O não lugar de pessoas trans no currículo da disciplina Educação Física em Escolas de Belém do Pará. Iniciação Científica *Cesumar*. Jan./jun.v. 20, n. 1, p. 17-30 DOI: <http://dx.doi.org/10.17765/1518-1243.2018v20n1p17-30>.
- Bardin, Laurence (1977). A análise de conteúdo. Tradução de Luís Antero Reta e Augusto Pinheiro. EDIÇÕES 70, LDA. Rua Luciano Cordeiro, 123 - 2. "Esq.o- I 069-157 LISBOA I Portugal. Presses Univcrsitaires de France.
- Brasil. Ministério da Educação. MEC, Secretaria de Educação Básica. (1999) Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias. Brasília.
- Brasil, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. (2002) Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação.
- Canário, R. (2005) O que é a escola? Um "olhar" sociológico. Porto: Editor Porto.
- Chaves, O. S.; Alencar, M. S. D. (2015) Teorias do currículo: concepções, verdades e contradições. IN: *II CONEDU-Congresso Nacional de Educação*. 14 a 17 de outubro-Campina Grande (PB).
- Ferreira, C. A. Flexibilidade curricular. *Revista Espaço do Currículo*, v. 13, n. 2, p. 316-325, 19 jun. 2020.
- Freire, P. (1987) Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M., (1926-1984); (2019) *Microfísica do Poder*. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado-10ª ed.- Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 432 pp.
- Foucault, M. (2008) *A ordem do discurso*. 16ª ed. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M.(1999) *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, M. (1986) *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Foucault, M. (2010) *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal.
- Gadotti, M. (1993) *A organização do trabalho na escola: alguns pressupostos*. São Paulo: Ática.
- _____. (2008) *História das Ideias Pedagógicas*. 8º ed. São Paulo: Ática.
- Gama, C. N.; Duarte, N. (2017) Concepção de currículo em Demerval Saviani e suas relações com a categoria marxista de liberdade. *Rev.comunicação saúde educação*; 21(62):521-30.
- Gil, A. C. (2008) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6 ed. São Paulo: Atlas.
- Houaiss, A.; Villar, M. S. (1999) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Objetiva Ltda.
- Jesus, A. R. (2008) *Currículo e educação: conceito e questões no contexto educacional*. UEL – PUC São Paulo. IN: *Anais do Congresso Nacional de Educação*, Curitiba, PR, Brasil.
- Llavador, F. (1994) Beltrán. Las determinaciones y el cambio del currículo. In: ANGULO, José Félix; BLANCO, Nieves (Coord.). *Teoría y desarrollo del currículo*. Málaga: EdicionesAljibe. p.369-383.

- Lima, E. S. (2007) A escola como espaço de formação e humanização das novas gerações. In: Indagações sobre o currículo do Ensino fundamental. BOLETIM 17, Setembro.
- Menezes, A. C. S.; Araújo, L. M. (2018) Currículo, contextualização e complexidade: espaço de interlocução de diferentes saberes. Departamento de Educação Campus VII, Senhor do Bonfim- BA.
- Moraes, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.
- Moreira, A. F. B.; Candau, V. M. (2007) Currículo, Cultura e Sociedade. In: *Indagações sobre o currículo do Ensino fundamental*. BOLETIM 17, Setembro.
- Nascimento, A. I.; Oliveira, D.; Di Bernard, P. M. (2012) Pilares na construção do currículo: uma perspectiva crítica. ENSAIOS PEDAGÓGICOS *Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET*– ISSN 2175-1773 – Julho.
- Piccolo, V. L. (1993) Educação Física escolar: ser ou não ter?;Campinas: Ed. da UNICAMP.
- Sacristán, G. J. (2000) O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3ª ed.; Porto Alegre: Artmed.
- Saviani, D. (2012) Escola e Democracia. 36 ed. Campinas, SP: Autores Associados.
- Silva, T. T. (2010) Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 3.ed. -1. reimp – Belo Horizonte: Autêntica.
- Silva, M. A. (2006) História do currículo e currículo como construção histórico-cultural. Universidade Federal de Minas Gerais Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus.
- Veiga-Neto, A. (2017) Foucault & a Educação. 3ª ed.;3-reimp.Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Vieira, S. L. (2007) Política(s) e Gestão da Educação Básica: revisitando conceitos simples. *RBPAE* – v.23, n.1, p. 53-69, jan./abr.
- Young, M. (2014) Teoria do Currículo: o que é e porque é importante? *Rev.Cadernos de Pesquisa*. v.44 n.151 p.190-202 jan./mar.